

CORPO MOTOR NO PROCESSO DE CRIAÇÃO DE VESTÍVEIS

ROGGER DA SILVA BANDEIRA; ALICE JEAN
MONSELL

Universidade Federal de Pelotas – bandeirarogger@hotmail.com
Universidade Federal de Pelotas – alicemondomestico@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho se dedica à pesquisa que desenvolvo no projeto intitulado *Diálogo Contemporâneo entre o Corpo e a Matéria* do Mestrado em Artes Visuais da UFPel e como bolsista pelo programa PIBM/D-UFPel. Versa sobre a relação do corpo com o vestuário, como proposta de arte contemporânea envolvendo a performance, levando em consideração este corpo como motor da ação performativa durante a apresentação. Performance pode ser entendida como o momento em que o artista está em ação se relacionando com os materiais, e em meu caso, experimentando outros estados para o corpo em relação ao vestuário e mobília.

Neste trabalho, abordo um panorama de minha produção o relacionando com artistas referentes como: a pintora e escultora Lygia Clark (1920 – 1988), quando trabalha as questões da instalação e *body art*, e o artista austríaco Friedensreich Hundertwasser (1928 – 2000), quando pensa no vestuário como uma das fronteiras nossa com o mundo. Também discuto a artista performática e professora vinculada a Universidade de Brasília, Maria Beatriz de Medeiros, que trabalha com performance e reflete sobre o corpo em seus livros: *Espaço e performance* (MEDEIROS, 2007), *Corpos informáticos* (2006) e *Tempo e performance* (2007).

Escrevo sobre dois trabalhos de minha autoria relacionados a estas referências, *Macaquinhos* e *Objeto Vestível*, produções que pensam o corpo e o vestuário em performance.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa utiliza a metodologia em poéticas visuais que parte da relação crítica com o embate ao objeto artístico, das aproximações e distensões que acontecem em meu processo de criação, influenciado pelos referenciais e acontecimentos do mundo. A relação estabelecida aqui versa sobre a arte e as questões cotidianas da vida, levando em consideração uma metodologia específica em cada acontecimento ou processo. “A pesquisa em artes visuais vai encontrar respaldo teórico na poética que põe-se como uma ciência e filosofia da criação”, (REY, 2012).

Vejo o corpo como parte e matéria do objeto artístico, se fundindo se tornam um em estado performativo, por exemplo, como acontece nos trabalhos que vou discutir adiante: *Macaquinhos 2020*, performance com participação da artista Jéssica Porciúncula e *Objeto Vestível 2020*, fotoperformance onde visto uma cadeira.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao pensar o vestuário em minha própria produção vejo que surgiu aos poucos. Trabalhava antes experimentando objetos com embalagens, estas que me levaram a pensar no vestuário como uma embalagem para o corpo, assim como pensou o artista das cinco peles Hundertwasser, assumindo o vestuário como uma fronteira nossa com o mundo.

As cinco peles é um conceito do artista Friedensreich Hundertwasser que produzia suas próprias roupas, além de pensar o meio ambiente partindo de uma lógica de camadas que seriam nossa própria pele, depois o que vestimos, nossas paredes dos lares, as grandes construções das cidades, as outras pessoas, nossa vida em sociedade e o mundo. Isso se torna latente em minha produção quando penso questões sociais, como a da pandemia em *Macaquinhos 2020* (Figura 1), associadas ao corpo e ao que vestimos.



Figura 1. *Macaquinhos*, performance Rogger Bandeira e Jéssica Porciúncula, 2020. Foto: autor.

No trabalho que realizei com a artista Jéssica Porciúncula em 2020, a performance “*Macaquinhos*” apresentado no espaço Diabluras Gastronômicas em Pelotas – RS, (Figura 1) retrata o estado de acondicionamento deste corpo por esta embalagem vestuário de malha.

Assim o trabalho de Clark *O Eu e o Tu* evidencia um corpo como obra e o coloca em performance, neste sentido atribuímos ao corpo o valor de experimentação e esse estado de ação performática como obra de arte.

Nesta performance *Macaquinhos* os corpos se relacionam através das mangas do vestuário que construí a partir de uma lógica de embalagem. A roupa inibe alguns sentidos como a visão por possuir capuzes frontais. Eu e Jéssica Porciúncula nos colocamos neste outro lugar, onde nossos corpos são

embalados por essa malha branca e estamos num tempo onde o próprio corpo se adequa à situação impondo um novo tempo até de movimentação e interação com o outro e com o mundo. O estado de estranhamento do corpo é tão grande que cria outra relação de espaço e tempo para estes corpos. A performance já pressupõem outro tempo, como a professora Maria Beatriz aborda no livro “Tempo e Performance” (2007, pg 94).

Na constituição desse conceito de experiência, está em jogo a possibilidade de se trazer para o campo da antropologia a relação entre expressão e a ação, o que se faz a partir da instauração voluntária de temporalidades. O teatro e as performances estéticas de uma maneira geral têm na abordagem o tempo uma das suas dimensões centrais.

O corpo em outra situação, fora de seu estado habitual, se adapta ao vestuário à medida em que seu tempo de ação e resposta se torna gradualmente maior na ação. Há uma relação entre o corpo e o objeto.

Penso também no espaço mais imediato da casa com o corpo e como estabelecer novas relações de estar. De modo a contemplar esse novo posicionamento do corpo frente a mobília da casa, me proponho a vestir uma cadeira numa fotoperformance *Objeto vestível* (Figura 2). Estávamos em situação de pandemia e meu corpo não aguentava mais estar no mesmo espaço, ocupando da mesma forma. Nossa forma de se relacionar com os objetos pessoais mudou desde então, ou pelo menos se mostrou diferenciada nesse momento de reclusão social.

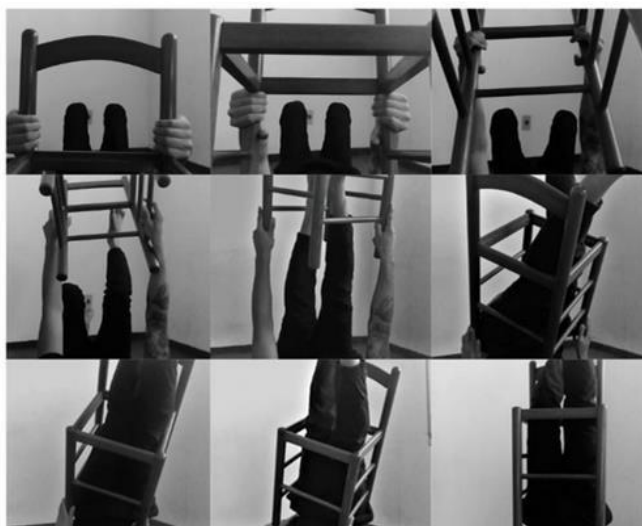


Figura 2. *Objeto vestível*, fotoperformance. Foto: autor.

Neste trabalho estava experimentando meu próprio corpo em novas relações com estes objetos da casa. Minha experiência durante a performance faz o corpo viver uma sensação de suspensão do tempo, que é aumentado pelo fato que a performance, durante a pandemia, foi apresentada por meio de um registro fotográfico, sendo que, na imagem, a performance se torna atemporal porque. Assim como MEDEIROS (2007, p.m114) diz no livro *Espaço e*

Performance sobre a experimentação que se dá no ato performativo.

A performance é carinho por ser metamorfose: inédita, efêmera, trans linguística, grupal, intersubjetividade. Ela se inventa a cada situação relacionando-se com o espaço específico onde se dá. Improviso. Ela é linguagem em gramática, sem léxico. Não funda conceitos, testa, experimenta. Realiza e nada conclui. Deixa o interator abandonado à sua percepção desestabilizada.

No trabalho de performance, estava eu e uma cadeira em estado de experimentação, onde novas possibilidades do corpo estar e se relacionar com esse objeto cotidiano surgia à medida em que a percepção pelo mesmo se encontrava desestabilizada.

4. CONCLUSÕES

Por fim estabelece essas relações de interação do corpo com a matéria, ora vestuário, ora mobília, onde o corpo se torna parte do trabalho, uma vez que está em estado performativo. Investigo como o vestuário assume uma identidade para o corpo, e como o corpo pode se encontrar em novos estados partindo da interação com estas materialidades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MEDEIROS, M.B. **Espaço e Performance**. Brasília: Editora da Pós-graduação em Arte da Universidade Federal de Brasília, 2007.

_____. **Tempo e Performance**. Brasília: Editora da Pós-graduação em Arte da Universidade Federal de Brasília, 2007.

_____. **Corpos Informáticos**. Brasília: Editora da Pós-graduação em Arte da Universidade Federal de Brasília, 2006.

MUNHOZ, P. O estatuto da fotografia: da verdade à verossimilhança 1. **Alcar 2015**, Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, 1 – 16, 2015.

Rey, S. (2012). Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais. *PORTO ARTE: Revista De Artes Visuais*, 7(13). <https://doi.org/10.22456/2179-8001.27>